

## PROCESSO DE ENSINO DE MATEMÁTICA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) REALIZADO NO CONTEXTO HOSPITALAR

Katiúscia Pereira da Silva Anjos<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC

Sandra Maria Pinto Magina<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC

Maria Elizabete Souza Couto<sup>3</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC

**Resumo:** O presente trabalho, recorte de uma pesquisa em fase inicial, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação – Formação de Professores da Educação Básica, da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, tem como finalidade compreender como professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que atuam em contexto hospitalar, participam dos processos de ensino-aprendizagem de Matemática das crianças hospitalizadas em tratamento oncológico e matriculadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A referida temática tem sido discutida no entorno dos estudos em Educação Matemática, sendo notória a necessidade de efetivação tanto da proposta dos PCN como a garantia da participação e inserção dos alunos à cultura matemática. A pesquisa dar-se-á em hospital pediátrico situado na região sul da Bahia e visa analisar as práticas dos professores no que tange ao conhecimento matemático. Nessa direção, trata-se de uma pesquisa descritiva, tendo como procedimento um estudo de caso com a participação dos docentes que trabalham no hospital. Os instrumentos de coleta de dados são: a observação (guiada por um roteiro previamente elaborado) e a realização de uma entrevista semiestruturada. Assim, espera-se que a investigação contribua para o entendimento, reflexão-ação no âmbito da Educação Matemática presente nas práticas pedagógicas do Atendimento Educacional Especializado, no contexto hospitalar bem como em outros espaços onde é realizado esse tipo de atendimento, traçando caminhos percorridos e possibilidades a partir dos dados e análises desenvolvidos.

**Palavras-chave:** Atendimento Educacional Hospitalar. Matemática. Processo de ensino.

### Introdução

A Matemática, enquanto linguagem, tem se mostrado uma ferramenta fundamental para a leitura e interpretação da realidade, bem como para a formação humana e sua relação com o cotidiano. A escola tem papel fundamental nesse processo de construção da aprendizagem matemática. No entanto, o baixo desempenho dos alunos, apontados pelos testes de larga escala aplicados no Brasil, Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, Universidade Estadual – UESC; Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Educação Básica; katiuscia2006@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Pós-doutoramento – ULisboa; Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Educação Básica; Grupo de Pesquisa REPARE Em EdMat.; sandramagina@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Educação (UFSC); Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Educação Básica; melizabetesc@gmail.com

Anísio Teixeira – INEP (BRASIL, 2018), mostram que os estudantes se encontram aquém das capacidades matemáticas básicas. Os *rankings* mais recentes das edições do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que avalia a cada três anos o sistema de ensino de diversos países, revela que o Brasil tem se posicionado entre um dos últimos colocados (Ministério de Educação e Cultura, 2016).

Embora haja um conjunto de esforços – de instituições de ensino superior, de secretarias de educação, Programas do Governo como PNAIC e dos próprios professores –, a Matemática e o seu ensino, principalmente na Educação Básica, ainda se apresenta como um desafio, especialmente para os(as) professores(as) licenciados(as) em Pedagogia, responsáveis pelo processo de ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em linhas gerais, a prática pedagógica do professor que atua nos anos iniciais é focalizada na aquisição da língua materna e o ensino da Matemática é centrado num conjunto de atividades que incluem a reprodução mecânica do objeto em estudo. Raramente, esse processo é mediado por construções criativas, que poderiam levar os alunos a aprender determinados conhecimentos de forma contextualizada. Sobre essa questão, D’Ambrosio (1996, p.31) afirma que

É muito difícil motivar com fatos e situações do mundo atual em ciência que foi criada e desenvolvida em outros tempos em virtude dos problemas de então, de uma realidade, de percepções, necessidades de urgências que nos são estranhas. Do ponto de vista de motivação contextualizada, a matemática que se ensina hoje nas escolas é morta. Poderia ser tratada como um fato histórico.

É uma preocupação entre os pesquisadores que estudam a Formação de Professores questionar sobre o lugar destinado aos conteúdos do Ensino Fundamental na formação dos Pedagogos(as). Entre tais pesquisadores, podemos destacar Libânio (2017) que, no livro “Curso de Pedagogia”, traz uma discussão sobre a formação de professores destacando a necessidade de contemplar saberes que possibilitem o domínio dos conteúdos a serem ensinados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa situação demonstra uma das fragilidades do curso de formação de professores para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Não podemos negar a importância de o professor ter domínio do conteúdo que leciona, no entanto, Serrazina (2014, p. 1054) ressalta que

“o conhecimento da matemática necessário para ensinar é mais do que saber matemática para si próprio, é compreender corretamente conceitos, bem

como realizar procedimentos, mas também ser capaz de compreender os fundamentos conceituais desses conceitos e procedimentos”.

Assim, o professor ter domínio dos conteúdos de matemática é apenas (não menos importante) um dos saberes indispensáveis para o ensino ter significado para o aluno e cumprir o seu papel de contribuir para a formação cidadã desse sujeito.

Um aspecto relevante a considerar nesse panorama é que o ensino da Matemática está presente também em contextos educativos extraescolares. Entre esses múltiplos cenários educativos, temos o Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contexto hospitalar. Esse tem como objetivo propiciar o acompanhamento curricular do aluno quando estiver hospitalizado, garantindo a manutenção do vínculo com a escola por meio de um currículo flexibilizado (BRASIL, 2002).

A experiência de trabalhar por 3 (três) anos com AEE, no contexto hospitalar, e de mediar o processo de aprendizagem de crianças em tratamento oncológico tem nos desafiado e instigado a buscar mais. Queremos aprender e conhecer sobre os aspectos teórico-práticos relacionados aos processos de ensino de matemática no contexto hospitalar. Nessa perspectiva, a pesquisa se propõe a responder à seguinte questão: Como os professores que atuam no AEE no contexto hospitalar direcionam o processo de ensino de matemática das crianças hospitalizadas em tratamento oncológico e matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental?

O problema está sendo estudado no contexto de um hospital pediátrico, em um município situado na região sul da Bahia, que oferta esse atendimento em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, a qual disponibiliza professores do AEE para desenvolver o trabalho com as crianças em tratamento oncológico. Esse espaço de atendimento é o universo da pesquisa e os seus professores, os participantes.

A pesquisa concentra esforços em possibilitar caminhos para a reflexão sobre a temática a fim de motivar os professores a construir uma nova concepção sobre o ensino de matemática e assim favorecer o aprimoramento da prática e da aprendizagem dessa área do conhecimento, uma vez que a percepção que o aluno tem em relação à matemática e o seu êxito na disciplina estão inteiramente relacionados à concepção adotada pelo professor.

### **Contextualizando o Atendimento Educacional Hospitalar**

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) realizado em hospitais é um serviço dirigido por uma política que busca permitir aos educandos em tratamento de saúde a ininterrupção dos estudos por meio de um trabalho pedagógico diferenciado. Mesmo acontecendo em um contexto diferente do da sala comum do ensino regular, as aulas podem propiciar um melhor retorno do educando à sua escola de origem, diminuindo a defasagem de conteúdos e a evasão escolar (TEIXEIRA et al., 2017; FONSECA, 2003; CECCIM, 1997).

Esse atendimento educacional no contexto hospitalar foi iniciado no Brasil em 1950, no Hospital Municipal Menino Jesus, no Rio de Janeiro. No entanto, a implantação dessa modalidade de educação ganhou incentivo apenas quatro décadas depois, quando os órgãos públicos começaram a inserir as classes hospitalares em suas políticas de educação (FONSECA, 1999). Podemos citar a Resolução 41, de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), que cita no item 9 o “Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar”.

A partir de então outras legislações surgiram para ratificar esse direito e esclarecer como esse atendimento deve ser organizado. Temos a Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, estabelecendo no art. 13 que

os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio. (BRASIL, 2001).

Nesse documento, já começa a ficar claro a quem pertence a responsabilidade por esse atendimento.

Em consonância com essa resolução, o documento “Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações” (2002), produzido pelo MEC, traz uma visão geral de como deve ser organizado e desenvolvido o atendimento pedagógico e administrativo nos ambientes hospitalar e domiciliar. O texto aborda, inicialmente, os objetivos, princípios e fundamentos da classe hospitalar e do atendimento pedagógico domiciliar. Utiliza como base legal dessa modalidade de ensino, o artigo 214 da Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e ainda a Resolução nº 02, de 11/09/2001. Quanto às orientações dos aspectos pedagógicos, é dedicado apenas um parágrafo para tratar do assunto, que é abordado de forma bem abrangente.

Esse atendimento é um direito garantido também nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2013), que em seu artigo 6º preconiza que “em casos de Atendimento Educacional Especializado em ambiente hospitalar ou domiciliar, será ofertada aos alunos, pelo respectivo sistema de ensino, a Educação Especial de forma complementar ou suplementar”. A viabilização dessa modalidade de ensino tem acontecido em alguns Estados do Brasil por meio da parceria entre os hospitais e as secretarias de educação, como determina a legislação vigente.

A legislação mais recente é a Lei nº13.716, de 24 de setembro de 2018, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que no seu art. 4 – A preconiza que

é assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa. (BRASIL, 1996).

Embora seja um direito garantido pela legislação brasileira, muitas crianças e adolescentes em tratamento de saúde não têm acesso ainda, ao seu direito à educação no espaço hospitalar.

É importante ressaltar que o atendimento educacional no contexto hospitalar além de proporcionar a continuidade dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças em tratamento de saúde, também “agem como injeções de ânimo, remédio contra os sentimentos de abandono e isolamento, infusão de coragem, instilação de confiança no progresso em suas capacidades” (FONSECA, 2008, p. 28). Logo, podemos inferir que a finalidade da educação no contexto hospitalar vai além de instruir e escolarizar, se configurando como prática social capaz de transformar o sujeito, considerando seus aspectos físicos, cognitivos, afetivos e socioculturais. Nesse sentido, Matos e Mugiatti (2014, p. 47) defendem que

A educação que se processa neste atendimento não pode ser identificada como simples instrução (transmissão de alguns conhecimentos formalizados). É muito mais que isto. É um suporte psico-sociopedagógico dos mais importantes, porque não isola o escolar na condição pura de doente, mas, sim, o mantém integrado em suas atividades da escola e da família e apoiado pedagogicamente na sua condição de doente.

Na prerrogativa dessa perspectiva de educação em ambiente hospitalar, entendemos que as práticas pedagógicas precisam ser pautadas na consideração do ser global, respeitando

suas condições de saúde, seu estado emocional e o seu processo cognitivo, a fim de possibilitar a construção do conhecimento sistematizado, aproximar sua rotina no hospital do seu cotidiano antes da situação de adoecimento e prepará-lo para o retorno à escola regular.

Percebemos que os documentos aqui mencionados usam a terminologia Atendimento Educacional Especializado e Classe Hospitalar para referendar o mesmo atendimento educacional destinado às crianças em internação hospitalar. No universo da pesquisa, essa modalidade de educação especial é vinculada à Secretaria Municipal de Educação por meio da Assessoria de Educação Inclusiva e configurada como Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertando atendimento didático-pedagógico e psicopedagógico.

### **Matemática: um desafio aos professores dos anos iniciais do ensino fundamental**

Reflexões sobre temáticas voltadas à Educação Matemática têm sido amplamente discutidas no cenário educacional brasileiro, buscando contribuir para um ensino que seja significativo, desperte o interesse dos alunos e lhes possibilite reconhecer a conexão do que é estudado com fatos do seu cotidiano, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. Arruda e Moretti (2002, p. 424) sugerem que

numa perspectiva transformadora, o ensino de matemática pode se configurar um recurso indispensável à cidadania ao instrumentalizar o cidadão com um conhecimento vinculado à realidade sociocultural que permita realizar uma leitura crítica no modelo de sociedade.

Sendo assim, percebe-se uma preocupação em ensinar Matemática com a intenção de preparar os sujeitos para ações na sociedade atual, levando-os à produção de conhecimentos significativos que ultrapassem os conteúdos e também proporcionem mais autonomia e pensamento reflexivo, pois

A educação para cidadania, que é um dos grandes objetivos da educação de hoje, exige uma “apreciação” do conhecimento moderno, impregnado da ciência e tecnologia. Assim, o papel do professor de matemática é particularmente importante para ajudar o aluno nessa apreciação, assim como para destacar alguns dos importantes princípios éticos a ela associados. (D’AMBROSIO, 1996, p. 87 – grifos do autor).

Fica evidente que os saberes científicos tratados no processo de ensino-aprendizagem da Matemática fundamentam tanto a atuação social como a evolução do pensamento crítico do educando, preparando-o para enfrentar desafios. Em consonância com que foi exposto, BRASIL (1998, p.22) aborda a necessidade de a Matemática estar conectada com a realidade e ser percebida como instrumental a ser utilizado no cotidiano:

[...] o ensino de Matemática prestará sua contribuição à medida que forem exploradas metodologias que priorizem a criação de estratégias, a comprovação, a justificativa, a argumentação, o espírito crítico, e favoreçam a criatividade, o trabalho coletivo, a iniciativa pessoal e a autonomia advinda do desenvolvimento da confiança na própria capacidade de conhecer e enfrentar desafios.

Apesar de reconhecida a importância de didáticas que possibilitem uma aprendizagem contextualizada da Matemática, o seu ensino não tem obtido o sucesso necessário. Os números mostrados nas avaliações externas (Prova Brasil, Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA, etc.) não são satisfatórios. Embora os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) indiquem a melhoria, em alguns municípios, dos índices de desempenho escolar (BRASIL, 2017), ainda há uma longa trajetória a ser percorrida para que o Brasil atinja metas que revelem níveis de apropriação do conhecimento matemático considerados satisfatórios. Essa realidade nos leva a inferir que é preciso mudar algumas concepções de como ensinar e a quem estamos ensinando. Nesse sentido, o educador “deve acreditar que o conhecimento é construído e que ensinar é um processo indissociável do aprender” (FREIRE, 2011, p. 24). Logo, para que haja renovação do ensino, é indispensável aprimorar a formação docente no âmbito de saberes matemáticos e competências pedagógicas.

A forma como o educador concebe a matemática faz toda a diferença no ensino, pois, é a sua concepção sobre esse processo que norteia o seu trabalho e também desperta no aluno interesse ou não pela disciplina. Por essa razão, é indispensável compreender a relevância da matemática para o desenvolvimento integral do educando.

Percebe-se a necessidade de uma nova atitude educacional que possibilite ao educando aprender e ter consciência da importância e da utilidade desse conhecimento para a sua vida. Nesse sentido,

a adoção de uma nova postura educacional é, na verdade, a busca de um novo paradigma de educação que substitua o já desgastado ensino-aprendizagem, baseado numa relação obsoleta de causa e efeito. (D’AMBRÓSIO, 2005, p. 118).

O professor tem papel fundamental nesse processo e na construção da aprendizagem matemática, seja na sala de aula ou no Atendimento Educacional Especializado, uma vez que ambos são espaços de educação formal do sujeito.

## O ensino de Matemática no Atendimento Educacional em ambiente hospitalar

Embora no Brasil os estudos na área de Educação Matemática venham ganhando mais espaço entre as pesquisas em Educação, o estudo dessa área voltado para o AEE no contexto hospitalar ainda é tímido. A discussão sobre as práticas pedagógicas efetivadas no ensino da Matemática não deve se restringir apenas ao âmbito escolar. Elas precisam ser ampliadas aos espaços educativos não escolares, como o contexto hospitalar em que, assim como na escola regular, o processo de ensino-aprendizagem de matemática também se configura um desafio para alunos e professores.

O atendimento educacional no hospital comporta aspectos que lhe são peculiares. Trata-se de um espaço não escolar, normalmente relacionado à dor, ao sofrimento e, às vezes, até à interrupção da vida, mas que por meio do processo educativo vivenciado naquele contexto é proporcionada também perspectiva de vida, uma vez que, “a manutenção do laço que existe entre ambas, criança e escola, representa a preservação do contato delas com a realidade em que viviam antes do seu adoecimento” (MOREIRA; VALLE, 2001, p. 229). Logo, essa vivência de escolarização no hospital proporciona à criança manter suas atividades habituais mais próximas do que era antes do adoecimento.

O espaço físico é diferente, as condições de saúde das crianças são diferentes, normalmente estão com limitações nos movimentos da mão ou braço por conta do acesso para receber soro e medicação, necessitando, às vezes, de adaptações para realizar as atividades, a quantidade de crianças durante o atendimento educacional não é igual à escola, a faixa etária é variada, a rotina é bem peculiar. Podemos dizer que o espaço e tempo no hospital é completamente diferente da escola. Mas o interessante é que não falta nas crianças vontade para estudar no hospital, porque nesse momento elas estão num espaço dentro do hospital que tem vida, alegria, processo educativo, esperança e:

a esperança é o que ajuda o paciente a manter o seu ânimo, a suportar os dissabores da doença, é o que os conforta nos momentos críticos e é o sentimento que usualmente persiste durante todos os estágios da doença e do tratamento. (KÜBLER-ROSS, 1977 apud MOREIRA; VALLE, 2001, p. 219).

É neste cenário que o processo de ensino de Matemática tem sido pesquisado. Os desafios que trazem o ensino da Matemática aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental na escola estão presentes no contexto educacional hospitalar também. Os professores que atuam nessa modalidade de ensino têm formação inicial igual aos demais docentes, sua experiência profissional enquanto professor foi na escola, a diferença é que quase cem por cento deles têm alguma especialização em área afim, pelo menos os

professores do contexto da pesquisa. Algumas vezes passaram por uma formação inicial fragilizada e nenhum deles se preparou com antecedência para mediar a aprendizagem de matemática no hospital, são desafiados o tempo todo a criar novas estratégias de ensino, a inovar e motivar seus alunos para a aprendizagem, para isso é preciso estudar continuamente, pois, bem coloca D'Ambrósio (1996, p.98),

[...] uma das coisas mais notáveis com relação à atualização e ao aprimoramento de métodos é que não há uma receita. Tudo o que se passa na sala de aula vai depender dos alunos, de seus professores, de seus conhecimentos matemáticos e, principalmente, do interesse do grupo.

É possível, então, inferir que as práticas pedagógicas da Matemática, nesse cenário educativo, não concebem estar fundamentadas num ensino tradicional. O professor é impulsionado a buscar sua formação continuada para garantir que o atendimento pedagógico aconteça. Considerando que as crianças estão doentes, não são obrigadas a participar das atividades como são obrigadas, muitas vezes, a ir para a escola, ou seja, estudar no hospital é uma opção. Logo, o professor precisa criar estratégias que despertem nessas crianças o desejo de participar do processo educativo ofertado naquele contexto. D'Ambrósio (2009) mostra que o prazer é um elemento essencial no processo educativo que deve ser considerado, e o prazer está intensamente relacionado tanto com a postura filosófica do professor quanto do aluno.

A falta do prazer a que se refere o autor tem sido retratada através do baixo índice de aprovação em matemática, pelos resultados dos testes de larga escala e pelos próprios depoimentos de vários alunos e professores que alegam não se identificar com a disciplina. Nesse sentido, Felicetti (2010, p. 34) indica que

[...] a maioria dos alunos acha que não gosta de Matemática porque os professores não sabem ensinar a matéria. A Matemática deveria ser ensinada pelo professor, utilizando-se da criatividade, pois a mesma [sic.] não é uma disciplina feita para calcular, mas para pensar. [...] Não associam a Matemática da escola com a Matemática do cotidiano...

É clara a importância da intervenção do professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem de matemática também no cenário hospitalar, o que lhe exige ter domínio do conteúdo que leciona, saber lidar com as peculiaridades do tempo e espaço próprios desse contexto, ser capaz de provocar, no aluno, um interesse próprio pelo objeto em estudo, desafiando-o a aprender. Nesse sentido, para que haja renovação do ensino, é indispensável aprimorar a formação docente no âmbito de saberes matemáticos e competências pedagógicas.

## Percurso Metodológico

A região sul da Bahia agrega um hospital pediátrico que, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, oferta às crianças em tratamento oncológico o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Esse atendimento se realiza nos diferentes ambientes do hospital frequentados por esse público, como leitos, enfermarias e ambulatório. A escolha do hospital como locus do estudo se deu por apresentar um número considerável de crianças que são alunos da escola regular e têm a possibilidade de dar continuidade aos seus estudos num espaço não escolar, que também se responsabiliza pelo conhecimento sistematizado, por meio de uma prática educacional diferenciada da escola regular.

A pesquisa tem como foco principal o contexto das práticas e percepções dos docentes que tenham por objetivo o ensino de matemática dos educandos envolvidos na dinâmica do atendimento educacional hospitalar. É um estudo de caso com abordagem qualitativa, devido à natureza da pesquisa que busca compreender como os participantes em estudo pensam e organizam seu trabalho no espaço hospitalar, com a finalidade de responder questionamentos particulares, como afirma Minayo (1994), preocupando-se com a compreensão da realidade humana que não pode ser mensurada em números, nem na quantificação dos dados, indicando um trabalho com o mundo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

A pesquisa envolve *a priori* um estudo bibliográfico, realizado através de leitura, fichamento e análise de textos teóricos e artigos sobre a temática para levantar dados relevantes já apresentados em estudos, uma vez que, segundo Dencker (1998, p.125), “permite um grau de amplitude maior, economia de tempo e possibilita o levantamento de dados históricos”.

Os instrumentos de coleta de dados consistem em observação e entrevista semiestruturada realizada aos professores do atendimento. As entrevistas semiestruturadas são guiadas por um roteiro que busca levantar o perfil dos sujeitos, suas percepções acerca dos atendimentos pedagógicos na área de matemática e os recursos adotados. As observações das mediações pedagógicas são registradas no Diário de Campo e tem como foco as aulas de Matemática e como parâmetro o planejamento pedagógico, as estratégias didático-pedagógicas e a organização dos conteúdos.

Em relação ao tratamento dos dados, serão analisados numa perspectiva de Análise Textual Discursiva que, na visão de Moraes e Galiazzi (2007), trata-se de uma ferramenta que

permite várias alternativas de análise, exigindo dos seus usuários saberes que lhes propiciem a constância na (re)construção de possibilidades e, ao mesmo tempo, um instrumento com forte potencial para fazer emergir a criatividade. Os resultados da pesquisa podem colaborar para promover uma ressignificação no cenário do contexto em estudo, no sentido de possibilitar caminhos para realizar uma reconstituição das práticas e percepções docentes quanto à didática do ensino de matemática, com o intuito de possibilitar impactos nas ações educacionais e assim proporcionar uma educação emancipatória e inclusiva.

### Algumas considerações

É importante ressaltar mais uma vez que este artigo faz parte de uma pesquisa em andamento e que compreender o processo de ensino de Matemática no Atendimento Educacional Especializado – AEE, no contexto hospitalar, é um grande desafio, dadas as especificidades desse espaço. Muitas variáveis precisam ser consideradas e a atenção tem que ser permanente para não desviar o foco do objeto de pesquisa. Ressaltamos também a relevância dessa investigação para a sociedade, uma vez que se trata de uma modalidade de ensino ainda pouco pesquisada, embora tenham crescido os estudos nessa área, e que tem sua identidade ainda em formação.

Se o ensino de matemática tem sido desafiador para o professor das séries iniciais do Ensino Fundamental da escola regular, que teve uma formação voltada para a prática no contexto escolar, para o docente que atua no atendimento educacional hospitalar que teve essa mesma formação, pode-se considerar que o desafio é ainda maior. Assim, é oportuno pesquisar e refletir sobre o ensino de matemática nesse cenário educativo extraescolar, que é responsável legalmente pela escolarização das crianças no período de internação hospitalar.

### REFERÊNCIAS

ARRUDA, Joseane Pinto de; MORETTI, Mércles Thadeu. Cidadania e Matemática: um olhar sobre os livros didáticos para as séries iniciais do Ensino Fundamental. **Contrapontos**, Itajaí, n. 6, p. 424, setembro/dezembro de 2002.

BRASIL. CONANDA. Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. **Diário Oficial da União**: seção I, Brasília, DF, p.163/9-16320, out. 1995.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Classes Hospitalares e Atendimento Pedagógico Domiciliar**: estratégias e orientações – MEC/2002.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB n. 2**, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. 2001b. Diário Oficial da União, Brasília, 14/09/2001. Seção 1E, p.51.

\_\_\_\_\_. Lei nº13.716, de 24 de setembro de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Brasília, 2013.

D'AMBROSIO, U. Educação matemática: da teoria à prática. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

DENCKER, Ada de F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**, São Paulo: Futura, 1998.  
Disponível em:

[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/saeb/2018/documentos/livro\\_saeb\\_2005\\_2015\\_completo.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2018/documentos/livro_saeb_2005_2015_completo.pdf). Acesso em: 9 jun. 2018.

Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/resultados-finais-das-escolas-no-saeb-2017-ja-estao-disponiveis-no-portal-do-inep/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/resultados-finais-das-escolas-no-saeb-2017-ja-estao-disponiveis-no-portal-do-inep/21206). Acesso em: 9 jun. 2018

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42771>. Acesso em: 9 jun. 2018.

FELICETTI, Vera Lúcia. Linguagem na construção matemática. **Revista Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jun. 2010.

FONSECA, Eneida Simões da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, jan./jun. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida M. Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MINAYO, M. C. DE S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método**. 5ªed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 1ªed. Ijuí: Unijuí, 2007.

MOREIRA, Gisele Machado da Silva; VALLE, Elizabeth Ranier Martins de. A continuidade escolar de crianças com câncer: um desafio à atuação multiprofissional. *In*: VALLE, Elizabeth Ranier Martins de. **Psico-oncologia pediátrica**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PINTO, Umberto de Andrade; SILVESTRE, Margarida Aparecida (org.). **Curso de pedagogia: avanços e limites após as diretrizes curriculares nacionais**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SERRAZINA, M. L. O professor que ensina matemática e a sua formação: uma experiência em Portugal. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 1051-1069, out./dez. 2014.